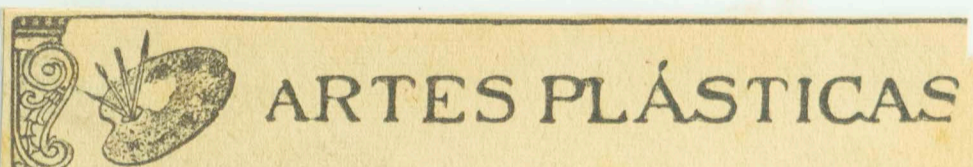


JORNAL: Diário de Notícias LOCAL: Quarabara

DATA: 24 / 06 / 1956 AUTOR: Mário Barata

TÍTULO: Valores do V Salão

ASSUNTO: Análise do V Salão



ARTES PLÁSTICAS

## VALORES DO V SALÃO

Mário Barata

(Especial para o "Diário de Notícias")

A TE' SEXTA-FEIRA próxima (dia 29), ainda poderá ser visitado o Salão deste ano, no 1º andar do Ministério da Educação, inteiramente franqueado ao público. Compete-nos chamar a atenção dos leitores para algumas das obras mais sérias e de melhor qualidade, presentes a essa exposição coletiva anual, de arte brasileira.

Não falaremos da boa arrumação da mostra, considerada como ponto pacífico por todos, à exceção das cinco ou seis pessoas que antes de visitarem o Salão já tomam a atitude conveniente para o caluniar e denegrir.

Mas juntamo-nos a todos para chamar a atenção dos pintores e escultores veteranos, no tocante ao egoísmo absurdo, que a sua ausência do Salão revela. A eles cabe parte da responsabilidade no declínio relativo da qualidade da pintura brasileira, declínio patente no Salão, tanto nos abstratos e concretos, como em figurativos.

Os veteranos não criaram escola, não ensinaram, e nem mesmo dão o exemplo de cooperação e de solidariedade com o meio, participando das mostras coletivas nacionais. Um dia, os historiadores do futuro, pedir-lhes-ão contas dessa falha proveniente, em grande parte, da falta de consciência de suas responsabilidades humanas e profissionais.

Há pessoas que pensam que a pintura abstrata ou a dita concreta escapam da mediocridade da seção de pintura. É erro! Muitos deles são os mais falhos tecnicamente, os mais superficiais e de soluções mais elementares no tocante à matéria e aos valores propriamente específicos da película cromática. Isso, apesar da simplicidade decorativa e ornamental de sua arte para enfeitar paredes. Com exceção da obra forte e pessoal de Djanira, é num veterano de mais de 60 anos, que vamos encontrar auto-retrato, (nº 78), ainda demonstrativo dos recursos técnicos que a geração atual está perdendo rapidamente, apesar dos maiores contactos com exemplos europeus, mas talvez devido à desorientação e à falta de seriedade e de constância no trabalho. Falo de tela de Henrique Cavalleiro, uma das raras à altura da arte difícil que é da pintura, nesse paradoxal Salão de Arte Moderna.

Jovem de personalidade, porém, como Marquês Sá, na pintura, e Eduardo Sved, em estudos para quadros, parecem querer marcar um ponto novo, uma repartida mais vigorosa e original, da arte pictórica brasileira. A gravura e o desenho puro, a arquitetura por outro lado, já avançaram com segurança, nessa conquista de uma personalidade criadora entrosada a domínio técnico absoluto. Nessas artes reside o ponto alto do Salão, indiscutivelmente.

Na pintura, porém, cumpre anotar o esforço, ainda insuficiente de Isaac Monteiro (82); o de veterano que procura renovar-se como Bustamante Sá; o dos abstratos e concretos Heinz Kuehn e Ivan Serpa, a tentativa do neo-realista Newton Resende (145) e mesmo o de obra harmoniosa de Laise Teles de Sousa (108), ainda insegura, impessoal e pouco estruturada.

É triste observar que Bienais e Salões não elevaram o nível pictórico brasileiro, na proporção que seria de desejar. Conduziram muitos jovens e veteranos ao modismo abstrato, sem lhes fornecer a maturidade técnica e a consciência pictórica indispensáveis à boa pintura. Apareceram, no Brasil, rótulos novos para a garrafa, mas o vidro ainda é de má qualidade e o conteúdo de um vazio alarmante.

NOTA — Um segundo artigo relativo à Pintura no SALÃO, intitulado "Novos Caminhos e Novo Entusiasmo para o Realismo", sairá na próxima terça-feira, na seção "VIDA DAS ARTES", do segundo caderno deste jornal.

instituto de arte